





MA NOEL MARIA BARBO-
ZA DU BOGAGE

*Electa centibus ad numerum.....
duoque pulchre succinuit* *Florus et Marcus*

D. J. Silva delin. e. sculp. No. 100 do Cego

ELEGIA
A'
DEPLORAVEL MORTE

DO
INSIGNE POETA

MANOEL MARIA DE BARBOSA
DU BOCAGE;
NATURAL DA VILLA DE SETUBAL.

A' SUA SAUDOSA MEMORIA
OFFERECIDA

M. P. T. P. E. A. *alias*

Almêno Tagideo,

APAIXONADISSIMO ELOGIADOR, E ADMIRADOR DO SEU ESTRO.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

M. D. CCC. V.

Por Ordem Superior,

n. 35.206

... Sedem properamus ad unam,
Tendimus huc omnes

Ovid. Metam.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REAL

N.º 1.º DE 1791

De Orden Superior

P R E F A Ç Ã O.

O Pouco, ou nenhum volume, que ainda faço na República Litterária, me teria desenganado do meu arrôjo, se em mim não pensasse hum espirito, que, por acostumado aos desares, se tem feito mais sensível. Eis porque vos offérto impréssa a rude Elegia, que se ségue; próle da mágoa do conhecedor de hum Vate, e por consequencia, deplorador das suas cinzas: seu distincto Nome bastará para abôno do meu Poema. Mas quando isto não seja sufficiente, sirvão de desculpa aos transportes do meu affecto os excéssos da minha dôr; quando alardeio confessar em público dever ao Estro de Bocage toda a (suppôsta) melhoria do meu Estro: Opportuna satisfação esta, huma vez que a vossa Crise não desfarce em mim aquelles mesmos defeitos, que não soffrestes perdoar aos Camões, aos Virgilios, e aos proprios Homéros.

Vále.

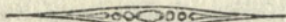
*Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.*

Horat. Satyr. IV. L. I.

P A R A' F R A S E.

A'quelle, em quem tu vires que transluzem
Engenho, e mente mais divina; áquelle
Cujos lábios proferem términos aureos,
Dá-lhe o nome honorífico de Vate.

Almêno.



SONETO.

V Encêste finalmente, ó Parca irosa,
 Vibrando a foice contra o Vate Elmáno;
 Em tanto que impassível a teu damno,
 Sustenta huma constancia portentosa.

Seu espirito sóbe, e se despósa
 Com Sophía ante Jóve Soberano;
 Já rasga ao seu Porvir o véo do Arcáno;
 Já nausêa esta vida tediósa!

Cerceáste-lhe o gyro, he certo, ó Morte . . !
 Elmáno te ajudou; fez pouco estudo
 No prazo prolongar ao geral córte:

Em vão porém o tórnas frio, e mudo;
 Compéte ao Sabio mais estável Sorte;
 A Fama tem por si, que vale tudo.

 APOTHEÓSE DE BOCAGE.

SONETO.

Sentados sobre nuvem luminosa,
 Lá vejo Apollo, e em tórno as filhas nove,
 Coroando aquelle, que das mãos de Jove
 Escapou para a Lysia tenebrósa.

Aquelle Vate, que no Verso, e Prósa
 Juiz não tem, que cabalmente o appróve;
 Cuja palavra duras pênhas move,
 Cuja reminiscencia he milagrosa!

Aquelle, a quem offerta vassallage
 A escólha do Bom Gosto, sem segundo,
 Todo fructos em flor, nada em folhage;

Historiador, Filósofo profundo;
 Nosso Camões, e Ovidio; em fim, Bocage,
 Honra de Portugal, Astró no mundo.



E L E G I A.

*Sint lacrymae nostro gemmata monilia collo:
Haec micet in digitis lucida gemma meis.*

J. B. Gandut. Descript. Poet.

TU desgrenhada, tu chorosa, e triste!
 Tu derramando lágrimas ardentes!
 Tu coberta de pó, varrendo a terra,
 Envôlta em pranto, em negros véos envôlta!
 Tu a gloria de Athéna, e Sulmôna,
 Tu a rival de Mantua, e de Venusa!
 De Lysia a flor, e Oráculo; tu, Musa,
 Ah! Que dor te consterna, e punge, e rála?
 Desconheço-te, ó Genio sacrosanto!
 Não eras tu aquella, que volvias
 A nossos corações com teus accentos,
 Quaes faiscas de Jove Omnipotente,
 Da Idade de Oiro as emoções primeiras?
 Ora inspirando humanidade ás feras,
 Ora tornando sociaes os homens?
 Já ternura n'aquellas imprimindo,
 Já nestes o carácter avivando?
 Os tigres humas vezes suspendendo,
 Amollecendo bronzeos peitos outras?
 Anivelando em fim o monte, e o valle,
 Gelando o fogo, as ágoas accendendo?

Pois como assim te mostras defecada,
 Ludibrio escandaloso da Memoria,
 Que o Sabio illustra, que estimula o nescio,
 Que o peito evade ao universal destrôço,
 Que melhora o mortal, que o divinisa?

Mas ah! Teu pranto coire sem limites!
 Tu succumbes á dôr; ella he suprêma,
 Igual talvez á perda, que lamentas!
 Involuntario o coração presago
 Gritando está: Elmano.. Sim.. He morto!
 Mas ah, que tu annies, muda o confirmas
 Na interrompida voz de teus suspiros!
 Será possivel que o Herôe morresse?
 Caducasse o Immortal, findasse o Homem?
 Se evaporasse enfim o Vate, o Numen?
 Ah! Tal não creio, não! Elmano dorme,
 E dorme socegado no recinto
 Da pútrida materia, que vestira..!
 O Sabio não fallece, nem demanda
 O caos primigenio, escuro, antigo,
 D'onde, qual germen, borbulhára aos Tempos!
 Acabar; espirar, morrer, finir-se,
 Compête em sorte ao ignorante, ao bruto,
 Que ao Luxo, aos E'vos, ás paixões dos outros
 Prestadas péde as ôcas galimácias,
 Que encher costumão corações vazios,
 Onde a Luz da Sciencia não desponta,
 Desorientada de seu proprio centro!

Em tanto o Sabio, sobranceiro aos damnos,
 Que á terra entréga quanto déra a terra,
 No transitto veloz, que não recêa,
 Porque aprendêra a conhecêlo d'antes;
 (Se he que não morre a cada instante ao menos,

Mal se familiarisa c'os futuros!)
 A grata sombra das verdades suas,
 Proclamadas na voz de seus dictâmes,
 Manso repousará por E'vos tantos,
 Quantos durar a Divindade infinda.
 Em cada Verso hum monumento conta,
 Que, arrostando do Olympo as eminencias,
 E as nuvens suas conglobando humildes,
 Por suppedâneo á base, que o cimenta,
 Tem de forráo ás Estações mudáveis,
 Que o gyro aos outros acceléra, ultima.

Mas onde a minha dôr me tem levado?
 Dôr tão inutil, quão inutil sinto
 O curativo ao golpe, que me entranhas!
 Permitta-se porém o desafoço
 A quem outro remedio não descobre:
 Onde a Immortalidade existe, aonde
 D'esses priscos Heróes, que me apontavas?
 De Alcides a sublime apotheóse?
 D'Enéas a piedade decantada?
 De Julio a nova, fulgurante estrella?
 Essas metamorfóses finalmente,
 Que a mais de humanos cem perpetuarão?
 Ah! Sim; ou se cançou a Eternidade
 Conferir-lhes o dom, que só lhe he dado,
 Ou tu mentiste, quando me inspiraste
 A fé, de que pendêrão taes successos!

O Homem foi sempre o mesmo; em vão te cances
 O quadro abrilhantar de seus estragos;
 Que envolvido na massa, que o restringe,
 Tem de pagar á Morte o vil impôsto,
 Que a Morte exige dos mortaes, pois sôrão

Roubadôres do ser, que zéla aváram
 Qual Assôpro do Eterno o Homem com vida,
 Nas mesmas perfeições do seu compôsto,
 De Jove mereceu huma existencia,
 Cópia fiel do pensamenro eterno:
 Mas como na existencia á Morte usurpa
 Materia vil, que o Caos envergonha,
 He de força requeira a Morte ao Fado
 Prenda infeliz, que, por inerte, he sua.
 Elmano era mortal, morrer devêra;
 Sua alma, prolação da Divindade,
 A'quella Divindade, que o creára,
 A'quelle Eterno Ser, que definira,
 Ao contrario devêra religar-se.

Ah! Torna a minha dôr a lacerar-me!
 Devôra me; não posso: ó Musa, eu fallo:
 Pois se possível he na mente nossa
 Viver o Sabio, á Lei da Morte isento,
 O Sabio digo, aquelle, cujas luzes
 Os homens sublimarão ás estrellas,
 O Sabio, cuja direcção, e guia,
 O cêgo estulto pela mão levarão;
 Parece-me nenhum, melhor que Elmano,
 Se devêra isentar á Lei do côrte,
 Que pôe a par do capacete a gôrra;
 Da espada a penna, do cajado a vara;
 Que a tóga, o manto no pellico embrulha;
 Que confunde as tiaras c'os turbantes:
 Que o virtuoso ao dissoluto iguála;
 Que o nescio, e douto anivelar-se atreve;
 Que o Homem prostra á condição do bruto;
 Que a tudo avilta, pois que a tudo invêste.
 O Douto, o honrado, o virtuoso, o sabio
 Não foi só para si, que ao mundo nascem:

O nescio, o assolador, o vil, o estulto
 Nem para si, nem para os mais nascirão.
 Eis a razão suprema, porque a Morte
 Devéra fulminar contra os segundos.

Lícito seja a quem a dôr retalha,
 Desesperar, e murmurar contigo;
 Hum orgulhoso, hum avarento, hum molle,
 Hum Heróe homicida, hum parasito,
 Hum émulo invejoso, hum sedentario
 De que servem, ó Musa, sobre a terra?
 Se não he de affrontar a Natureza,
 He d'escandalizar a Humanidade,
 D'ennegrecer-lhe, de apagar-lhe o cunho!
 Evapóra-se, espira o monstro, he certo;
 Na quéda extranha a propria lamentamos;
 Melhor fôra potém, se não nascéra.

Que túrgidas blasfemias não vomitas,
 Tu, augusto, Soberbo Juliano,
 N'acção, que o ferro, com que a morte bebes,
 No extrémô arranco ao Galileu envias?
 E á luz do mundo rebentáste? O' raiva!
 E n'Oróscopo teu, entre soluços,
 Talvez que a Parca evaporasse hum Vate?
 Láminas bronzeadas recintando
 Mil prênes cofres do metal brilhante,
 Escassamente escudão a riqueza
 Do aváro Pygmalion, que em tórno a escolta;
 Negado ao Sol, negado ao seu descanso,
 Inutil entretanto ao semelhante,
 Inutil a si mesmo no desuso,
 Que á posse o priva d'esses bens, que ençãma
 E nasceste? O' furor! E morre hum Vate?

Na rebellada fantasia eu vejo
 O vaidoso Narciso inda encatado
 Na propria gentileza, que debuxa
 A crystalina clara superficie
 Da mortifera, plácida corrente;
 E em breves horas desengana o louco
 Quanto no seu despêho são caducas
 Essas fôfas especies, que o embelição
 E apparecêste efimera nos Orbes?
 E a par de ti hum Sócrates fallece,
 Sorvendo o trago, que lhe ultima a vida?

Lá corre o Macedónio em campo armado,
 No labio o fel, nos olhos a ameaça,
 Na planta o raio, mas no braço a morte;
 Talando prados, demolindo torres,
 Rendendo Praças, coalhando Mares,
 Mettendo a saque Povoações inteiras;
 De carnagem, de horrôres tão sedento,
 Que aos Lustros sette da carreira sua
 Não conquistar mais mundos pranteava!
 E surge ao mundo lá do abysmo inferno
 O mortal, antes Furia, antes Geraste,
 O assolador da humanidade opprêssa,
 O déspota fatal de seus direitos?
 E ao mesmo passo se desangra em rios
 Hum Filósofo, hum Séneca innocente?

Sem se lembrar do adulador Damócles,
 Que de Dionisio mal-desfructa o briode,
 Antonio, e Claudio á meza presidião,
 Sacrificando Roma a seus prazeres,
 No Triúmviro aquelle, este no Imperio;
 Mas pensando que o Homem só végéta,

De Cleópatra já, já de Agrippina
 Este, aquelle recebem o supplicio,
 Que a morte desfarçada lhes offerta
 Na víbora, na pluma envenenadas!
 E merecêrão elles a existencia?
 E hum Theócrito matão, morre hum Códro,
 E de hum Cicero a lingua se retalha?

Teu mesmo Ovidio não me aponta, ó Musa,
 De Aglaura a inveja contra Heisé formosa?
 (Se he que a profana dôr me não consente,
 Que mendigue na Página Sagrada
 Exemplar no Universo inda em mantilhas!)
 E a face do Universo reservêrão
 Serpes, que atremedârão nossa especie?
 E nada, e morre na penuria extrêma
 Hum Camões, hum Diógenes sem pejo?

Sóffrega Parca, enfrêa os teus furôres:
 Ao vicioso, ao nescio não perdões,
 Já que atolado o vês na maça inerte,
 Que tanto te namóra, te embriága:
 Decêpe embora a tua foice altiva
 Minha inutilidade em meus alentos;
 Mas perdôa, respeita nos teus golpes
 O ente, que desvanece a Natureza,
 Que a Natureza por teu bem propága,
 Porque victima a victima accumulés.
 Se a condição cruenta, que te adórna,
 Não permite com tudo esta piedade,
 Pondêra ao menos n'esses dons sublimes,
 Que o Sábio condecórão, que extasião
 Os propios séres, que de ti não pendem,
 Por superiores ao fatal Decreto.

E tu, Alma estellífera de Elmano,
 Que a Estancia buscas, onde a Vida impéra,
 Pois della tinhas mais perfeita idéa,
 Gósta sem fim aquelles dôces fructos,
 Que a Sapiencia nella te amadúra,
 Isolado huma vez aos instrumentos
 Invejósos, malédicos, tyrannos,
 Que ao Genio teu attribuir tentavão,
 Quanto a teus Fados só devido fóra!
 Tu indignado he certo que bradavas
 Contra o Idolo, a qaem negavas cultos,
 Porque não adulavas, não mentias;
 Não dependias, nem de seus critérios,
 Nem das insulsas confissões pompósas,
 A' filaucia do Vate indifferentes!

Mas, ó Cysne immortal, Cantor do Téjo,
 Rival da gloria dos futuros E'vos;
 Cujo gás em acção, subindo sempre,
 Já mais fizéra baquear teus Versos;
 Se he lícito escutáres nos Elysios
 Vótos de hum triste Génio, que illustraste
 Na imitação das Produccões, que lera,
 De lá me acêna, advérte, incrépa, annúe
 A emenda de meus vóos, animados
 De tão profundo inflato, quão profunda
 A mágoa me restou da pèrda tua.

*Nostra per immensas ibunt praeconia gentes;
 Quodque querar, notum, quâ patet Orbis, erit.*

Ovid. Trist. L. IV. Eleg. 9.

SONETO FINAL.

V

 Átes, acompanhai o meu tormento ;

 O Vate Elmãno sem recurso espira ;

 O loiro Apollo quasi que delira ,

 E a brilhante madeixa sólta ao vento.

Amor lágrimas vértte cento a cento ;

 Venus entre desmaios lá suspira :

 As aureas fibras rebentou a Lyra ;

 Tudo no Pindo he dôr, tudo he lamento.

Não resta a Lysia mais, da noite image ,

 Que o pranto, os ais da fúnebre agonia

 Do desamparo, da Viuvez language!

Findou-se a Propriedade, a Melodia ,

 O Sal A'ttico . . . ! Em fim, morreo Bocage,

 Chorai, Musas, morreu a Poesia.

